

Historiografia Linguística: temas, história e tradições

Prof. Dr. Alessandro Beccari | UNESP-Assis e CEDOCH-USP

Prof. Dr. José Bento Cardoso Vidal Neto | CEDOCH-USP

Profa. Dra. Rebeca Fernández Rodríguez | Universidade de Utrecht – Holanda

O estudo científico das línguas e da linguagem (Faraco, 2017, p. 13), como qualquer outro ramo do saber, tem sua história. A Linguística, como a conhecemos hoje em dia, pode ser considerada uma disciplina relativamente recente. Contudo, há indícios de reflexões linguísticas tão antigas quanto a própria humanidade. Assim, se recuamos alguns milênios no contínuo da história, deparamo-nos com o percurso de criação dos primeiros sistemas de escrita e vocabulários de línguas estrangeiras – ambos motivados por necessidades práticas, testemunhas dos primeiros indícios de reflexões acerca da natureza da linguagem (Fischer, 2009). Com o advento das primeiras escolas filosóficas gregas, muitas observações de cunho linguístico passaram a ser acumuladas (Neves, 1987). Para dar conta desses dados, surgiram as primeiras sistematizações e categorizações de natureza lógico-filosófica que dariam origem às classes de palavras da tradição gramatical (Dezotti, 2013). Os antigos helenos também deram início a discussões semânticas, sobre a natureza da linguagem, e se interessaram por aspectos morfológicos e sintáticos de seu próprio idioma e de seus dialetos. Na culminância desses estudos, no séc. II a.C., surge em Alexandria do Egito aquela que é considerada a primeira gramática: a *Tékhne grammatiké*, de Dionísio da Trácia (Chapanski, 2003). No Oriente, contemporaneamente aos gregos, a grande civilização da Índia começava a se aprofundar na pesquisa minuciosa dos sons da fala. A longa história do interesse humano pelas línguas e a linguagem, multivariada e complexa, continuou na Antiguidade Tardia, na Alta e Baixa Idade Média, no Renascimento, na Idade Moderna, no Século das Luzes e seguiu ininterrupta até nossos dias. É uma história tão fundamental para a compreensão do mundo e do ser humano quanto a história das demais ciências, das artes plásticas, da política, da religião, da música, entre tantos outros campos do saber e da cultura. Nas palavras de Robins (1983, p. 2), “a linguística de hoje, como os outros ramos do saber e como os fatos culturais em

geral, é ao mesmo tempo produto do seu passado e matriz do seu futuro [...]” e, “como qualquer concepção intelectual ou moral”, a Linguística “[...] tem a sua história [...]”, e seu estudo histórico é semelhante a “qualquer outro tema relacionado à atividade humana”, ou seja, “consiste no estudo da sucessão temporal de pessoas e acontecimentos, bem como no exame das relações causais, influências e tendências que neles se podem descobrir e que nos possibilitam melhor compreendê-los” (Robins, 1983, p. 2).

A partir dos anos 1970, a Historiografia Linguística (doravante HL) passa a ser uma alternativa para o estudo da história da Linguística. Difere das abordagens anteriores principalmente ao abandonar um entendimento cumulativo do conhecimento linguístico. A HL apresenta segmentos da história das reflexões humanas sobre as línguas e a linguagem como partes integrais da disciplina e se propõe princípios teóricos e metodológicos bem estabelecidos para o seu empreendimento investigativo (Coelho; Hackerott, 2012). É, portanto, um conjunto de reconstruções linguisticamente informadas e epistemologicamente orientadas de segmentos da história da Linguística. Suas orientações advêm de desenvolvimentos das ideias de teóricos da História e Filosofia da Ciência, especialmente Thomas Kuhn (2006 [1962]), que em sua obra *A estrutura das revoluções científicas* inaugurou a possibilidade de historiografias críticas para a história das ciências. Koerner (1989), Auroux (2006 [1992]), Murray (1998) e Swiggers (2004), operando calibragens, rupturas e amplos desenvolvimentos, adaptaram as ideias de Kuhn para a História da Ciência ao ambiente da Linguística.

No Brasil, especialmente até os anos 1980 e meados da década de 1990, os trabalhos de reconstrução de segmentos da história dos estudos das línguas e da linguagem limitavam-se ao que Castilho chama de “crônicas, que procuravam documentar o que se vinha fazendo no Brasil em matéria de Filologia, Gramática, Linguística”¹ (2018, p. 33). Entretanto, essa situação mudou com a fundação por Cristina Altman do Centro de Documentação em Historiografia da Linguística (CEDOCH-DL-USP) junto ao Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, em 1994, que passou a abrigar uma série de pesquisas inter-relacionadas, projetos, eventos, exposições, seminários e publicações científicas a partir de um conjunto comum de princípios metodológicos. Cristina Altman, “com a companhia de Olga Coelho e de vários outros pós-graduandos, instalou um vasto programa sobre a emergência, o desenvolvimento, a institucionalização e a profissionalização das ciências da linguagem ao longo de uma tradição de

¹ Castilho (2018, p. 33) cita como cronistas da Linguística “Preti (1981, 1987), Cunha (1985), Callou (1999), Dias e Moraes (1994), Salles (2001) [...] Castilho (1967, 1971a, 1971b, 1972-1973, 1981a, 1981b, 1988, 1989, 1990, 1994, 1995, 2000, 2002, 2005, 2007, 2009, 2017a, b)”.

pesquisa” (Castilho, 2018, p. 34), o que incluiu estudos inaugurais das primeiras gramáticas de línguas americanas escritas no território do atual Brasil por missionários jesuítas no séc. XVI. Cristina Altman é também a introdutora seja da Linguística Missionária, seja dos estudos acerca das reflexões linguísticas do passado a respeito de idiomas diferentes do português, que foram falados e ensinados no Brasil.

Vale ressaltar que o termo “Linguística” de Historiografia Linguística não exclui os estudos da linguagem anteriores ao séc. XX, pois a HL tem como seu escopo todo o conhecimento (*knowledge*) sobre a linguagem, que deseja descrever e explicar cientificamente. Em um capítulo em que discute o objeto, a metodologia e a modalização da HL, Swiggers (2012, p. 39) assim a define:

[...] the discipline (within the field of [general] linguistics) that aims at providing a scientifically grounded descriptive and explanatory account of how linguistic knowledge (i.e. what was accepted at a given time as knowledge, information and documentation on language-related issues) was gained, and what has been the course of development of this linguistic knowledge, since its beginnings to the present.

Respeitados os parâmetros de pesquisa da HL, nada impede, entretanto, que se estude o pensamento linguístico, por exemplo, dos antigos egípcios, dos gramáticos romanos, dos *Modistae* do Baixo Medievo ou a *Minerva* de Sanctius de las Brozas, do final do séc. XVI. Assim, podemos pensar em pesquisas de HL sobre as discussões sobre a natureza da linguagem no *Crátilo* de Platão, nos debates dos gramáticos medievais que deram origem ao desenvolvimento de uma teoria de dependências sintáticas, no emprego de procedimentos e noções aristotélicas na tradição grammatical até nossos dias etc. (muitos outros exemplos poderiam ser citados). Nesse sentido, há bons motivos para acreditar que a HL pode contribuir significativamente para o progresso da Linguística no Brasil e no mundo – por exemplo, na análise de teorias e procedimentos atuais que talvez repitam inadvertidamente descobertas ou noções que se perderam no passado.

Ressaltamos que as noções que fundamentam as explicações da tradição grammatical para os fenômenos da linguagem, como as encontramos até hoje em materiais didáticos utilizados em nossas escolas, só podem ser compreendidas plenamente levando-se em conta ideias que fundamentam essas explicações. De fato, não é impossível entender a razão de ser dos conceitos operacionais da Gramática Tradicional sem um conhecimento prévio de seus fundamentos epistemológicos, porém, sua compreensão grandemente ilumina o ensino de

teorias gramaticais e linguísticas, pois muito se pode aprender a respeito dos pressupostos teóricos das reflexões atuais sobre a linguagem se os séculos de pesquisas que as antecederam no contínuo do tempo forem levados em consideração.

Até agora, tivemos como objetivo, neste texto, realizar breve apresentação da HL como disciplina linguística, da introdução da HL no Brasil, sublinhando sobretudo o papel desempenhado pelo CEDOCH na fundação e consolidação da historiografia linguística brasileira. Feito isso, é preciso falar do contexto em que surge a ideia de realização do presente dossiê.

Desde 1999, o CEDOCH promove o *MiniEnapol de HL*, congresso que reúne, além de seus membros (alunos de Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado), também pós-graduandos, pesquisadores e professores de outras universidades brasileiras e estrangeiras. A partir da edição de 2021, em função das restrições impostas pela pandemia, o congresso passou a ser *on-line*. A utilização deste formato possibilitou ao CEDOCH ampliar de forma significativa o diálogo com um círculo de pesquisadores ainda maior, já que não havia mais as limitações financeiras – institucionais e individuais – para convites e deslocamentos de pesquisadores a São Paulo. Nesta edição, foi possível formar mesas temáticas com grande diversidade de temas, apresentados por pesquisadores de várias regiões do Brasil e de outros países, como Argentina, Portugal e Holanda. Tais autores foram convidados para submeter seus textos a esta prestigiosa revista, que também recebeu artigos vindos da ampla chamada aberta realizada. Desta forma, o presente dossiê é formado por textos vindos dessas duas fontes, o que simboliza também o desejo e as constantes ações de Cristina Altman desde o início do CEDOCH, qual seja, o da divulgação, ampliação e consolidação da historiografia linguística brasileira.

Assim, apresentamos aqui ao leitor interessado 12 artigos e uma resenha, que estão estruturados em 3 eixos temáticos: (i) Gramaticografias (do português, escolar do espanhol e do flamengo); (ii) Historiografia da linguística europeia e (iii) Historiografia da Linguística brasileira. A apresentação dos textos seguirá essa ordem, começando por aqueles que tratam da gramaticografia de alguma língua.

Em *A oração na gramática brasileira oitocentista: estudo panorâmico*, Bruna Polachini, usando como referência um universo de 72 gramáticas oitocentistas, estuda como um conceito tão caro à Gramática Filosófica – oração, proposição ou sentença – é retratado nesse extenso *corpus*, para nele observar semelhanças e diferenças quanto ao seu estatuto. Ao assim proceder, a autora mostra que

a gramaticografia brasileira do século XIX é fundamentalmente racionalista, já que 52 obras estão vinculadas à gramática geral, ao modelo racionalista. No entanto, a autora consegue captar a presença de outros modelos epistemológicos, pois localiza 3 gramáticas presas ao modelo sintático latino e outras 17 em que se pode notar um certo desprendimento da gramática geral, já que tais obras começam a usar o modelo grammatical histórico-comparativo.

No artigo *Sínclide pronominal: vestígios de uma controvérsia*, Marcelo Costa Sievers e Tania Maria Nunes de Lima Camara apresentam a controvérsia entre defensores do uso lusitano e do brasileiro na colocação pronominal no início do século XX; demonstram a oposição de Cândido de Figueiredo (1928 [1917]) ao que chama de nativismo que aceita o uso de “fórmulas de linguagem ‘vulgar do Brasil’” – contrárias à sínclide pronominal da antiga metrópole – e o posicionamento de Manuel Said Ali (1919 [1908]) e Evanildo Bechara (1969 [1961]), defensores do uso brasileiro, para quem o purismo não detém a mudança ou a variação.

No texto *O conceito de sílaba em João de Barros (1540)*, Leonardo Ferreira Kaltner e Melyssa Cardozo Silva dos Santos demonstram que o conceito de sílaba na língua portuguesa é fundamental para o entendimento da prosódia de Barros em sua *Gramática da língua portuguesa* (1540). Para o gramático renascentista, o português se diferencia do grego e do latim no que tange à divisão silábica e o acento, na fala, mas não no canto, e guarda semelhanças com as línguas clássicas quanto à quantidade silábica. O artigo demonstra ainda que o estudo da sílaba, no século XVI, vinculava-se não só à gramática, mas também ao canto e à música, em uma tradição que remonta à Idade Média e Antiguidade.

Em *Sincronia em historiografia linguística: Said Ali e o estruturalismo linguístico*, Cristina Altman questiona a afirmação feita por alguns linguistas e historiógrafos que Said Ali foi um precursor do Estruturalismo no Brasil. A autora sustenta que o fato de Ali, em 1919, mencionar Saussure em uma de suas obras não é suficiente para associá-lo a essa teoria. Para rechaçar tal vínculo, Cristina Altman argumenta que alguns procedimentos metodológicos importantes para a HL não foram seguidos. Além da análise do caso em si, o artigo traz importantes reflexões metodológicas da introdutora da HL no Brasil, algo que a autora frequente faz em seus textos e comunicações orais.

No artigo *El análisis lógico y grammatical la renovación didáctica en la gramática escolar argentina (1863-1884)*, Esteban Lidgett argumenta que a introdução da análise lógica e grammatical, prática analítica vinda da Gramática Filosófica, foi responsável pela superação de antigos métodos de memorização de regras,

típicos da educação clássica, que vinham recebendo crescentes críticas por parte dos professores e administradores da educação secundária argentina por gerar pouco interesse nos alunos. Já o novo método, a *dupla análise*, foi visto como uma forma científica de ensino de línguas e responsável por aumentar o interesse do alunado, já que fomentava a participação ativa dos estudantes durante as aulas.

Em *Idel Becker em três tempos: estudo comparativo-historiográfico sobre sua abordagem lexical no ensino de espanhol para brasileiros*, Diego José Alves Alexandre examina a influência de Idel Becker no ensino do léxico espanhol a brasileiros ao longo de várias décadas, destacando sua ênfase na comparação com o português por meio de diferentes edições de seu *Manual de Espanhol* e outros artigos.

No texto *The Thesaurus Theutonicae linguae (1573): dictionary as a gramar*, Elizaveta Zimont defende uma maior consideração dos dicionários na história da gramática, concentrando-se no *Thesaurus Theutonicae Linguae* (TTL), de 1573, reconstruindo as suposições dos autores sobre a estrutura gramatical do flamengo e as estratégias adotadas, com base em etiquetas e comentários metalinguísticos.

Passando agora para os artigos que historiografam a Linguística europeia, temos *Shaping Comparative Linguistics: The Achievement of Franz Bopp*, de Pierre Swiggers, que se centra em Franz Bopp, considerado um dos fundadores da gramática comparada indo-europeia, explorando suas teorias sobre a origem e a estrutura das formas gramaticais e sua abordagem analítica.

Em *Reflexões de August Schleicher sobre a autonomia e a complementaridade da Linguística e da Filologia*, Rogério Ferreira da Nóbrega analisa as reflexões de August Schleicher, no século XIX, sobre a distinção entre a linguística, que ele concebe como uma ciência natural da linguagem, e a filologia, que ele vê como uma ciência histórica centrada no estudo cultural através dos textos.

Encerrando a seção de artigos, temos três historiografias sobre a Linguística brasileira.

No texto *Linguística formal e interdisciplinaridade: questões históricas e contemporâneas*, Olga Coelho trata dos dois tipos de abordagem em Linguística, a internalista (formal) e a externalista. A primeira tem como característica uma maior preocupação com a análise, a sistematização e formalização de aspectos da linguagem humana e das línguas e a segunda está mais voltada para o

diálogo com áreas como História, Sociologia e Educação. A autora argumenta que a Linguística formal, que sempre reivindicou para si o título de científica, durante muito tempo não se preocupou em dialogar com linguistas não formais ou mesmo com outras áreas do conhecimento. No entanto, Coelho identifica um movimento de mudança nesse cenário, enxerga um interesse de alguns linguistas formais em se fazer ouvir fora de seu campo restrito, como pode ser visto no recente interesse nas discussões sobre o ensino de Português e também pelo conteúdo de documentos oficiais que o regula, como a BNCC.

Em *Reflexões iniciais sobre a fonologia na Gramática Construtural*, Gustavo Nishida analisa os estudos de fonética e fonologia na gramática de Eurico Back e Geraldo Mattos (1972), assim como o artigo de Back na revista *Construtura* (1973), chamando a atenção para um capítulo esquecido ou ao menos muito pouco lembrado da história da Linguística brasileira, ao propor um estudo contrastivo das vogais nasais do Português Brasileiro sob a perspectiva da Linguística Construtural (LC) e da abordagem de Camara Junior (1969). O autor constata uma ausência de menções à proposta construtural e, paralelamente, verifica que a análise mattosiana é o ponto de partida dos estudos fonéticos e fonológicos brasileiros das décadas seguintes.

O artigo *Tendências em Análise do Discurso na América Latina*, de Anielle Morais, apresenta o percurso teórico do pesquisador britânico Norman Fairclough (1941) na Análise de Discurso Crítica (ADC); oferece um estudo historiográfico do ponto de vista da reorganização do projeto teórico de Fairclough, que passou de uma perspectiva de análise linguística, até os anos 1980, para uma análise mais social a partir da década de 1990; o artigo discute como essa mudança impactou as pesquisas crítico-discursivas produzidas na América Latina. Para demonstrar esse impacto, oferece uma discussão de trabalhos recentes de duas especialistas latino-americanas: María Laura Pardo e Izabel Magalhães.

Finalmente, para encerrar o dossiê temático de HL, incluímos uma resenha, elaborada por Xoán Carlos Lagares, dos livros *Uma história da Linguística: da Antiguidade ao Iluminismo* (Tomo 1), e *Uma história da Linguística: do século 19 ao limiar do século 20* (Tomo 2), de Marcos Bagno, ambos publicados pela Parábola Editorial em 2023.

| Referências

ALTMAN, C. **A pesquisa lingüística no Brasil** (1968-1988). São Paulo: Humanitas, 2004.

- AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização.** Campinas: Editora Unicamp, 2001.
- CASTILHO, A. T. de. Da crônica à Historiografia Linguística: a presença de Cristina Altman. *In:* COELHO, O. (org.). **A Historiografia Linguística no Brasil: memória, estudos.** Campinas: Pontes, 2018. p. 33-40.
- CHAPANSKI, G. **Uma tradução da Tékne grammaticé, de Dionísio Trácio, para o português.** 2003. 217 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.
- COELHO, O.; HACKEROTT, M. M. S. Historiografia Linguística. *In:* GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. de S. (org.). **Ciências da Linguagem: o fazer científico.** v. 1. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 381-407.
- DEZOTTI, L. C. **A invenção das classes de palavras.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.
- FARACO, C. A. **Linguística histórica:** uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2017.
- FISCHER, S. R. **História da escrita.** São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- KOERNER, E. F. K. Models in linguistic historiography. *In:* KOERNER, E. F. K. (org.). **Practicing Linguistic Historiography:** selected essays. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1989. p. 47-59.
- KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 2006.
- MURRAY, S. O. Theory groups in science. *In:* MURRAY, S. O. **Theory groups and the study of language in North America:** a social history. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998. v. 69. p. 1-26.
- NEVES, M. H. M. **A vertente grega da gramática tradicional.** São Paulo: Hucitec, 1987.
- ROBINS, R. H. **Pequena história da linguística.** Tradução Professor Martins Monteiro de Barros. Coleção Lingüística e Filologia. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

SWIGGERS, P. Linguistic Historiography: object, methodology, modelization. (In: Historiografia da linguística, dossiê organizado por Cristina Altman e Ronaldo de Oliveira Batista) **Todas as Letras**: revista de língua e literatura, v. 14, n. 1, p. 38-53, 2012.

SWIGGERS, P. Modelos, métodos y problemas em la historiografía de la lingüística. In: Nuevas Aportaciones a la Historiografía Lingüística, 4: 2003, La Laguna. **Actas...** La Laguna: ARCO/LIBROS, S. L., 2004. p. 113-145.